

## **O que pode a arte? O que pode o conhecimento?**

Neste encontro partilhamos experiências vividas e exploramos múltiplos exemplos da arte e de outras formas de conhecimento para refletir sobre o tema proposto. Prestamos particular atenção à arte. A arte enquanto forma de conhecimento e o seu potencial na relação com a educação, com a vida, enquanto lugar de encontro de cada um consigo e com os outros. A arte como potenciadora de construção e afirmação da singularidade, de confiança no saber de cada um, e por isso da inclusão, porque a relação com a obra de arte é individual. Acompanha-nos o princípio de José Mattoso de que as linguagens poéticas e científicas são interpretações diversas da mesma partitura e a afirmação de Rui Chafes - *Não sei o que a arte pode mas sei o que a arte deve. Deve manter as perguntas acesas.*

Manter as perguntas acesas é manter o exercício crítico activo, garantia da democracia. Ainda a propósito do que pode a arte, Antonio Tabucchi, um dia perante a pergunta de um jornalista sobre para que serve um livro, respondeu: “Neste nosso tempo em que tudo tem de ser útil, um livro talvez seja um objeto inútil mas imprescindível”.

## **Apropriações**

“A gente vai sempre à procura nos textos dos outros de instrumentos para continuarmos a pensar por nós.” Gilles Deleuze

“Não confies no contador, confia no conto” D. H. Lawrence

“Portanto, uma reprodução, além de fazer as suas próprias referências à imagem do seu original, torna-se, por sua vez, o ponto de referência de outras imagens. O significado de uma imagem varia consoante o que se vê imediatamente ao lado ou imediatamente a seguir” Berger, John (1987). *Modos de Ver*. Lisboa: Edições 70

## **Do acesso à arte**

Pois a cultura não é um luxo de privilegiados, mas uma necessidade fundamental de todos os homens e de todas as comunidades.

A cultura não existe para enfeitar a vida, mas sim para a transformar - para que o homem possa construir e construir-se em consciência, em verdade e liberdade e em justiça. Sophia de Mello Breyner Andresen, in Assembleia Constituinte, Agosto de 1975

“(…) O que é a pedagogia artística?(…) Assemelha-se à diferença que vai entre aquele que pôde aprender a ler e o que não pôde, sendo que, para o primeiro, ler o quê, quando, ou como, será sempre uma possibilidade (até a de não ler), enquanto para o segundo será sempre interdito.” Ribeiro, António Pinto (2000). *Ser Feliz é Imoral? Ensaios sobre cultura cidades e distribuição*. Lisboa: Edições Cotovia

“Só a arte é verdadeiramente educativa porque ela não explica mas implica”

Sophia de Mello Breyner, glosando Teixeira de Pascoaes

(in Lúcio, Álvaro Laborinho (2008), *Educação, Arte e Cidadania*, s.l., Temas & Lemas)

### **O tempo, a permanência e o silêncio**

Para um amigo tenho sempre um relógio

Esquecido em qualquer fundo de algibeira

António Ramos Rosa, Poema Viagem através de uma nebulosa

O que por palavras nos está oculto

no silêncio

crepita em intimidade

José Tolentino Mendonça, in *A papoila e o monge*

### **A arte como forma de conhecimento**

(…) todas as linguagens, tanto as poéticas como as científicas. Os textos que elas constroem são como que as diversas interpretações de uma mesma partitura.

José Mattoso, *A Escrita da História* in *Obras Completas*, vol. 10, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002

(…) a arte e a ciência pura, precisamente por serem as atividades mais livres, menos estreitamente submetidas às condições sociais de cada época, são os primeiros factos em que podemos vislumbrar qualquer transformação da sensibilidade coletiva. Se o homem modifica a sua atitude radical perante a vida, começará por manifestar o novo temperamento na criação artística e nas suas emanações ideológicas. A subtileza das duas matérias torna-as infinitamente dóceis ao mais leve sopro dos alísios espirituais. Como na aldeia, ao assomar à varanda pela manhã, olhamos para o fumo das casas para adivinharmos que vento governará o dia, podemos observar a arte e a ciência das novas

gerações com uma curiosidade meteorológica análoga. Ortega y Gasset, José (2003), *A Desumanização da Arte e outros Ensaio de Estética*, Coimbra, Almedina, p65, 66

Se a arte depende intimamente do homem, ao ponto de se modificar com ele, é porque o reflete e exprime. É como um prolongamento seu projetado no exterior. Mas quando dizemos «o homem», é necessário ainda entendermo-nos. Há o homem coletivo e o homem individual. A arte é o espelho e, muitas vezes até, a manifestação de um e de outro. Tal como um sismógrafo ultra sensível regista os desejos e os temores, a maneira de conceber a vida e o mundo(...) Huyghe, René (1998). *Sentido e Destino da Arte (I)*. Lisboa: Edições 70, p.11

(...) A criação artística, afinal, não está sujeita a leis absolutas e válidas para todas as épocas; uma vez que está ligada ao objetivo mais geral do conhecimento do mundo, ela tem um número infinito de facetas e de vínculos que ligam o homem à sua atividade vital; e, mesmo que seja interminável o caminho que leva ao conhecimento, nenhum dos passos que aproximam o homem de uma compreensão plena do significado da sua existência pode ser desprezado como pequeno demais. Tarkovski, Andrei (1998). *Esculpir o Tempo*. (2ª edição). São Paulo: Martins Fontes, pp. 8-9

### **O que pode a arte?**

Não cabe aos artistas melhorar ou converter. São demasiado insignificantes para tal. Testemunhar, é isso o que devem fazer. Otto Dix

Pode-se gostar de Shakespeare e de Mozart e ser um torcionário.

Jahanbegloo, Ramin (2006). *Quatro entrevistas com George Steiner*, Fenda, 2ª edição

(...) leitura reparadora num sentido profundamente moral: a leitura deveria ligar-nos a uma certa visão, comprometer a nossa humanidade, tornar-nos menos capazes de seguir o nosso caminho como se nada fosse. Steiner, George (2006). *Os logocratas*. Lisboa: Relógio D'Água, p.99

(...) é contando histórias que nós tentamos compreender.

No tempo de Brejnev (...) havia uma jovem mulher russa numa universidade, especialista em literatura romântica inglesa. Essa mulher jovem foi metida numa cela,

sem luz, sem papel nem lápis, na sequência de uma delação idiota e completamente falsa, não é preciso dizê-lo. Sabia de cor o Don Juan de Byron (trinta mil versos ou mais). No escuro, põe-se a traduzi-lo mentalmente em rimas russas. Quando sai, depois de ter perdido a vista, dita a tradução a uma amiga: é hoje a maior tradução russa de Byron. Perante isto, digo de mim para mim várias coisas, e, para começar, que o espírito humano é indestrutível, totalmente.

Em segundo lugar, que a poesia pode salvar o homem. Até mesmo no impossível.

Steiner, George e Spire, Antoine (2004). *Barbárie da Ignorância*, Lisboa, Fim de Século, pp 79- 80

O que é que faz o homem bom? (...) certo é que no momento em que alguém decide ler Voltaire se torna, potencialmente, melhor. Isto porque sobre o reino da realidade se abre o reino da possibilidade. (...) Constatamos que a cultura é o eixo do entendimento do real mas também da sua transformação, não pode pois ser uma atividade lateral, nem supérflua. Ribeiro, António Pinto (2004). *Abrigos, condições das cidades e energia da cultura*. Lisboa: Edições Cotovia, Lda.

### **O encontro com a obra de arte**

(...) somos criaturas ao mesmo tempo frustradas e confortadas pelo apelo de uma liberdade que está fora do nosso alcance. A experiência da liberdade não se afirma a não ser num domínio. Só há uma esfera da condição humana em que ser é ser livre. É a esfera do nosso encontro com a música, com a arte e com a literatura.

Jahanbegloo, Ramin (2006). *Quatro entrevistas com George Steiner*. (2ª edição). Fenda. Pp 139-140

(...) o sabor da maçã não está na própria maçã – a maçã não se saboreia a si própria – nem na boca de quem a come. Requer um contacto entre as duas. O mesmo sucede a um livro ou a uma constelação de livros, a uma biblioteca. Na verdade, o que é um livro em si? Um livro é um objeto físico num mundo de objetos físicos. É um conjunto de símbolos mortos. E então chega o leitor certo e as palavras – ou melhor, a poesia por trás das palavras, pois as palavras em si são meros símbolos – saltam para a vida e temos uma ressurreição da palavra. Borges, Jorge Luís (2010). *Este Ofício de Poeta*. Lisboa: Teorema pp. 8-9

(...) é através do encontro com alguém que se realiza a sua função. O mesmo se passa em relação a todas as obras de arte e a todos aqueles que têm sido objeto de culto ao

longo da História. Todos estes objetos artísticos têm em comum o facto de não aparecerem como objetos consumíveis no imediato, exigirem tempos diferentes para o seu entendimento conforme o recetor, o contexto, o meio. Assiste à sua receção a imprevisibilidade, a possibilidade de serem encontrados muito tempo depois de terem sido criados. Por isso, de outro modo mas querendo dizer aparentemente o mesmo, um outro criador – o cineasta Manoel de Oliveira – afirmou: ‘faço filmes para o público que há-de vir’ Ribeiro, António Pinto (2004), Abrigos, condições das cidades e energia da cultura, Cotovia, Lisboa

Se tal prazer não é imediato, cremos que o será no futuro.

(...) gostar e compreender afirmam-se em planos diferentes, não necessariamente ao mesmo tempo, e para gostar é necessário, na maioria das vezes, uma certa compreensão da obra. Ribeiro, António Pinto (2000). Ser feliz é imoral? Ensaio sobre cultura, cidades e distribuição. Lisboa: Cotovia

### **O encontro com a obra de arte: todos podemos!**

Os artistas, como os investigadores, constroem a cena na qual a manifestação e o efeito das suas competências se expõem e se tornam incertos nos termos do novo idioma que traduz uma nova aventura intelectual. O efeito do idioma não pode ser antecipado. Exige dos espetadores que desempenhem o papel de intérpretes ativos, que elaborem a sua própria tradução para se apropriarem da «história» e dela fazerem a sua própria história. Uma comunidade emancipada é uma comunidade de contadores e tradutores.

Rancière, Jacques (2010). O Espectador Emancipado. Lisboa: Orfeu Negro p. 35

“A emancipação intelectual é a verificação da igualdade das inteligências. Esta igualdade não significa um igual valor de todas as manifestações da inteligência, mas a igualdade da inteligência relativamente a si mesma em todas as suas manifestações. Não há dois tipos de inteligência separados por um abismo.

(...) Deste ignorante que soletra os signos até ao cientista que constrói hipóteses é sempre a mesma inteligência que se encontra em ação, uma inteligência que traduz signos por outros signos e que procede por comparações e figuras para comunicar as suas aventuras intelectuais e compreender aquilo que uma outra inteligência trata de lhe comunicar. Este trabalho de tradução está no cerne de toda a aprendizagem. Rancière, Jacques (2010). O Espectador Emancipado. Lisboa: Orfeu Negro p. 18-19

Todas as vezes que mergulhei em livros de estética tive a sensação desconfortável de ter estado a ler livros de astrónomos que nunca olharam para as estrelas. O que quero dizer é que escrevem sobre poesia como se a poesia fosse uma tarefa e não o que realmente é: uma paixão e uma alegria. Borges, Jorge Luís (2010). Este Ofício de Poeta. Lisboa: Teorema

### **O encontro com a obra de arte: a dificuldade, o esforço e a persistência.**

Se queremos qualidade profissional, precisamos de defender qualidade cultural (literária e científica). Nesta medida, a retórica antielitista é a perigosíssima máscara da mediocridade.

(...) Na sequência de dois encontros que, no âmbito do Porto Capital da Cultura, Luís Humberto Marcos realizou no Porto sobre o jornalismo cultural, pude confrontar-me com a estimulante contestação de alguns jornalistas que me diziam que o Mil Folhas era um projeto "elitista". Dois argumentos: porque falava de livros que as pessoas não liam; porque utilizava uma linguagem que não levava as pessoas a ler. Primeira alínea de uma possível resposta: já experimentaram ler um jornal desportivo, se não tiverem alguma iniciação à linguagem que nele se usa? Sabem o que é um "trinco" ou uma reunião dos G-18? Ou já fizeram experiência análoga com o suplemento de economia? Ou com o suplemento de informática? Confesso já ter lido páginas inteiras de revistas de informática sem perceber uma única linha. Todos nós sabemos que qualquer domínio minimamente especializado exige uma iniciação prévia. A grande questão está em que, se não entendemos o futebol ou a informática, isso não agride o nosso narcisismo, mas, se não entendemos um suplemento de cultura, isso põe em causa aquilo que somos: e, não suportando que tal aconteça, em vez de procurarmos estar à altura do que existe, pretendemos que o que existe se reduza àquilo que neste momento somos. Há estranhamente uma questão que se não coloca. Admitimos perfeitamente que, se temos deficiências na nossa formação profissional, devemos esforçarmo-nos por melhorá-la, mas continuamos a supor que, em relação à nossa formação cultural, ela nos deve chegar sem esforço da nossa parte. Defendemos os critérios de mérito e a promoção de uma cultura do esforço, do trabalho e da exigência, mas achamos que entender a arte de Cage, Pollock ou Berio, ou a pintura do Renascimento, se pode fazer sem esforço. Ora, se queremos qualidade profissional, precisamos de defender qualidade cultural (literária e científica). Nesta medida, a retórica antielitista é a perigosíssima máscara da mediocridade. (...) Neste momento, precisamos de defender acima de tudo a qualidade -

e essa defesa passa necessariamente pela denúncia da demagogia do "elitismo". Isto não significa que se não multipliquem lugares de pedagogia da literatura e da arte - desde os serviços de visitas guiadas a museus até ao trabalho com as crianças ou a atividade das bibliotecas municipais, escolares e privadas. Ou mesmo a uma TV educativa. Eduardo Prado Coelho, in *Jornal Público* 19/ 05/ 2001

(...) porque diremos que toda a gente dispõe de meios de leitura de um grande texto? Não tem! Para isso, é necessário um trabalho prolongado e muito duro, e como disse Espinosa: “Tudo o que é excelente é muito difícil!

(...)Mas a ideia, a ideia, segundo a qual o matemático, o físico, o bio-geneticista tem direito a uma longa preparação para aceder à alegria, ao passo que o homem de letras deveria dispor imediatamente dos meios de ler um texto difícil, não, é uma ideia que não funciona! Steiner, George e Spire, Antoine (2004). *Barbárie da Ignorância*, Lisboa, Fim de Século, p 105

*Só somos capazes de ver o que temos dentro de nós* Rui Chafes

Uma coisa é o que nela virmos. «Onde os outros», dizia Blake, «só veem a alvorada a aparecer por sobre a colina, eu vejo os filhos de Deus gritando de alegria.» Wilde, Oscar (2001). *De Profundis*. Lisboa: Relógio D'Água, p.165

Quem longe viajar, vai muitas coisas avistar  
Muito distantes daquilo que considerava verdade.  
Quando depois, nos prados da sua terra o contar,  
Então como mentiroso é, amiúde, tratado.  
Porque o povo obstinado não quer confiar.  
Quando não vê e não sente nitidamente o narrado.  
A inexperiência, diz-mo a imaginação,  
Pouco crédito dará à minha canção.

Hesse, Herman (2002). *Viagem ao País da Manhã*. Edições ASA, 7ª edição

Um homem ilustre agoniza. A sua mulher está junto à cama. Um médico toma o pulso do moribundo. Ao fundo do quarto, há duas outras pessoas: um jornalista, que assiste à cena do óbito por razões profissionais, e um pintor que o acaso ali conduziu. A mulher, o médico, o jornalista e o pintor presenciam um mesmo facto. Todavia, este único e

mesmo facto – a agonia de um homem – oferece-se a cada um deles segundo um aspeto distinto. Os aspetos são tão distintos que mal chegam a ter um núcleo comum. A diferença que há entre o que a cena é para mulher transida de dor e para o pintor que, impassível, a olha é tamanha que seria quase mais exato dizer: a mulher e o pintor presenciam dois factos completamente diferentes.

Segue-se, pois, que uma mesma realidade se quebra em muitas realidades divergentes ao ser olhada de pontos de vista diferentes. E acontece que nos perguntamos: qual dessas múltiplas realidades é a verdadeira, a autêntica? Mas qualquer decisão que tomemos será arbitrária. A nossa preferência por uma ou outra só pode assentar no capricho. Todas aquelas realidades são equivalentes, cada uma delas é a autêntica segundo o ponto de vista que lhe corresponde. A única coisa que podemos fazer é classificar os pontos de vista e escolher entre eles o que praticamente nos pareça mais normal ou mais espontâneo. Chegaremos assim a uma noção que, nada tendo de absoluta, será, pelo menos, prática e normativa da realidade. Gasset, José Ortega y (2003). *A Desumanização da Arte e Outros Ensaios de Estética*. Coimbra: Almedina p.47

E o que recordamos da história comum familiar costuma ser completamente diferente daquilo que os nossos irmãos recordam. Às vezes confronto algumas cenas do passado com a minha irmã Martina, como quem troca cromos, e a casa familiar que uma e outra desenhamos, quase não tem pontos em comum. Os pais dela tinham o mesmo nome que os meus e moravam numa rua com o mesmo nome mas eram, indiscutivelmente, outras pessoas. Montero, Rosa (2004). *A louca da casa*. Porto: Edições Asa

### **Sobre as explicações**

Pergunta: (...) a música é, então, o que não se traduz

George Steiner: Sim, não pode ser parafraseada nem metafraseada. Qual é o seu sentido? Porque sabemos nós o que a música quer dizer? Que queremos dizer com o «seu sentido»?

(...) Tenho efetivamente a certeza de que o espaço do que não sabemos é infinitamente maior do que o do nosso saber, de que a nossa modesta paisagem é extremamente pequena por comparação com a soma do ser. Quando alguém me pergunta como pode haver um sentido intenso que não se compreende, é só do lado da música que podemos procurar uma resposta. É por isso que lembro sempre uma anedota muito importante de Schumann, que é de uma importância decisiva para o meu ensino. Schumann acabava

de tocar um estudo muito difícil, e um dos seus alunos perguntou-lhe se não lho poderia explicar. «sim», disse Schumann, e voltou a tocá-lo. Para mim, trata-se de um aspecto capital. É por isso que aprendo tantas coisas de cor, e é por isso que retomo tantas vezes o mesmo texto com os meus alunos: toquem outra vez. Steiner, George (2006). Os Logocratas. Lisboa: Relógio D'Água

Muitas vezes senti carnalmente o sabor físico de um pensamento, o gosto de uma ideia que se infiltra na minha pele para conquistar de um golpe de asa mágico as minhas mãos, os meus braços e o meu rosto.

(...) Há já algum tempo, estava na estação de Frankfurt e dez minutos antes do comboio partir vi num quiosque que vendia livros um pequeno volume de capa branca. Ora, aconteceu que não consegui decifrar o nome do autor. Abri o livro que era uma coletânea de poemas e li estas palavras: «A língua a norte do futuro.» Perdi o comboio por causa do poema do Paul Celan. Foi o meu primeiro encontro com a sua obra. Tive um choque quase físico, embora não tenha compreendido nada do verso, como hoje não compreendo ainda o todo do pequeno poema a que ele pertence. Celan tornou-se assim de parte inteira uma parte da minha alma e da sua respiração. Quando ando pelo meu jardim sinto que este verso se perfila no meu andar Jahanbegloo, Ramin (2006), Quatro entrevistas com George Steiner, 2ª edição, Fenda

As explicações não me parecem necessárias, quer na pintura quer noutros campos artísticos, como por exemplo a poesia. Não acredito que seja possível explicar um poema ou um quadro. Qualquer explicação me parece redutora. Não percebo nada de música, ainda que me afete profundamente, no entanto não preciso de explicações  
Francis Bacon

Se podemos falar acerca de uma coisa, porquê pintá-la?

Francis Bacon

Sonhei fazer uma arte que fosse acessível a toda a gente, operário ou intelectual, criança ou adulto, sabendo que ninguém a leria da mesma maneira.

René Bertholo

Aquilo que se tem a dizer sobre as obras é nelas que se diz. Não tenho a distância necessária para as comentar e se o fizesse provavelmente incorreria em palavras fáceis. É uma vivência pessoal, vivida por dentro, que não pode ser referenciada por palavras

Álvaro Lapa

Podia inventar uma quantidade infinita de teorias para justificar (...) Mas sinto sempre que estaria a enganar: as palavras são sempre paralelas, são sempre outra coisa. Eu não quero elaborar teorias sobre o meu trabalho, não quero reduzi-lo a palavras.

Helena Almeida

“As sensações são também uma forma de conhecimento.”

“Afinal a obra é eternidade e as teorias circunstância”

Alberto Carneiro

“Se eu pudesse explicar o que as coisas significam, não teria a necessidade de dançá-las.” Isadora Duncan

“A arte é uma pergunta mas para que a pergunta exista é preciso que alguém a ouça”

“As palavras não servem para explicar a arte porque se não valia a pena fazer arte”

Chafes, Rui (2014). Entre o Céu e a Terra. Lisboa: Documenta

João Fernandes: Regressemos aos trabalhos apresentados na exposição. Poderíamos percorrê-los, discuti-los peça a peça.

Rui Chafes: Essa ideia de que podíamos falar peça a peça é uma metodologia que não me agrada nada. O que acontece é que, na maior parte das vezes, os artistas se sentem forçados a dizer uma coisa mesmo que não a pensem, cumprir o papel de falar sobre cada peça. Eu não gosto muito de “peças”, nem gosto muito de “falar peça a peça”. Do que eu gosto é do que está por trás de cada peça. Mais do que fazer uma peça queria fazer uma cidade inteira atrás da peça, com as suas ruas, com os seus prédios (...) queria trazer as pessoas todas que vivem nos túneis do metro e nas casa escuras e também as florestas geladas... Era isso que queria trazer agarrado à peça e não só a peça.

(...)Quando se vê uma escultura de Giacometti, por exemplo, vê-se ali uma cidade inteira em cada dedada que ele deixa no barro. Não é apenas um pedaço de bronze: é tudo o que cada gesto traz consigo, essa é que é a ambição para mim, a devoção à

escultura. Catálogo Fora! (Pedro Costa e Rui Chafes) (2007). Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves pp141, 143

### **A propósito da necessidade de definições e certezas**

Dediquei a maior parte da minha vida à literatura e só dúvidas posso oferecer-vos.

Borges, Jorge Luís (2010). Este Ofício de Poeta. Lisboa: Teorema

Envelhecer é endurecer. Quando erguemos paredes de rigidez à volta da nossa vida, do nosso pensamento, estamos a envelhecer. Envelhecer é tornar-se rígido, duro e seco, como uma árvore que morre. «Se quiseres viver, tens de permanecer macio e flexível como um recém nascido», disse-nos Arseni Tarkowsky.

Temos de, permanentemente, aceitar e acolher a instabilidade que altera os nossos hábitos para não ficarmos empedernidos, secos e fechados. Temos de aceitar, definitivamente, que o pensamento é sempre provisório, temporário. Só a permanente capacidade de mudança e de espanto para com o mundo nos poderá fazer viver (e não, apenas, existir). "Ser sábio é muito melhor do que ser inflexível", escreveu o sábio e poeta grego Teógnis. Chafes, Rui (2014), Entre o Céu e a Terra. Lisboa: Documenta

O meu livro é poesia e, se não é, há de ser, porque a noção de poesia há de adaptar-se ao meu livro.

Ibsen

### **A importância de errar**

(...) como escreveu Wittgenstein: “Se as pessoas não fizessem por vezes coisas disparatadas, nada de inteligente alguma vez se faria.” Carlos Drummond de Andrade fala também da necessidade de uma “ração diária de erro, distribuída em casa”, mas esta é uma ração de erro positiva, de um erro inventor. Tavares, Gonçalo M. (2013). Atlas do Corpo e da Imaginação, Teoria, Fragmentos e Imagens. Alfragide: Caminho

A experiência não é o que nos acontece mas o que fazemos com o que nos acontece.

Aldous Huxley

## **O que pode a arte? O que pode o conhecimento?**

Não sei o que a arte pode mas sei o que a arte deve. Deve manter as perguntas acesas.

Rui Chafes

Winston Churchill, quando questionado por um membro do seu Governo, em plena II Guerra Mundial, sobre a necessidade de reduzir verbas da Cultura face ao reforço financeiro militar, terá respondido: "Evidentemente que não! Então para que serviria travarmos esta guerra?"

Por seu turno, Sofia de Mello Breyner disse, um dia, glosando Teixeira de Pascoaes:

«Creio profundamente que só a arte é didática porque a arte não explica mas implica. Penso que como se fazia na Grécia Clássica a educação deve começar pela ginástica e pela dança, pela música e pela poesia. É na poesia que verdadeiramente aprendemos a falar» Lúcio, Álvaro Laborinho (2008), Educação, Arte e Cidadania. (2ª edição). Temas & Lemas pp43

Sinto que se a arte tem um dever, é lembrar ao homem que é um ser espiritual, que é transportado por um espírito infinitamente grande ao qual, enfim, acaba por regressar.

Tarkovski, Andrei (2002), Esculpir o Tempo, São Paulo, Martins Fontes

Porque, sem a compreensão de nós próprios e dos outros, sem essa empatia que nos une aos outros, não pode existir nenhuma sabedoria, nenhuma beleza.

Para mim, a fome de conhecimento tem muito a ver com o amor à vida e aos seres vivos. Montero, Rosa, A louca da casa, Edições Asa, 2004 p96

Não escrevo para ensinar nada, escrevo para aprender, para descobrir coisas e dar um pouco de luz às trevas. Claro que salvar o mundo, ninguém o salva! Se aparecer alguém a dizer que vai salvar o mundo, fujamos, porque os salvadores do mundo são todos carniceiros e assassinos. O que se pode fazer é salvar o nosso pequeno mundo. E como se salva esse pequeno mundo? Sendo boa pessoa. E o que é ser boa pessoa? Viver com os outros. Rosa Montero, in Ípsilon, 21 de Novembro de 2008

(...) É óbvio que a arte não pode ensinar nada a ninguém, uma vez que, em quatro mil anos, a humanidade não aprendeu absolutamente nada.

Se tivéssemos sido capazes de prestar atenção à experiência da arte e de permitir que ela nos transformasse de acordo com os ideais que expressa, já nos teríamos transformado em anjos há muito tempo. A arte tem apenas a capacidade, através do impacto e da catarse, de tornar a alma humana receptiva ao bem. É ridículo imaginar que se pode ensinar as pessoas a serem boas (...) A arte só pode oferecer alimento – um impulso, um pretexto para a experiência espiritual. Tarkovski, Andrei (2002), *Esculpir o Tempo*, São Paulo, Martins Fontes, p.55

Por isso, a primeira questão, aquela com que me debato em todos os meus livros, e em todo o meu ensino, é muito simples, é a seguinte: porque é que as humanidades, no sentido mais amplo da palavra, porque é que a razão nas ciências, não nos deram qualquer proteção frente ao inumano? Porque é que efetivamente (como você acaba de dizer) se pode tocar Schubert ao serão para, de manhã, se voltar, no campo de concentração, ao cumprimento do dever? Nem a grande leitura, nem a música, nem a arte puderam impedir a barbárie total. Deram muitas vezes um cenário, uma decoração, uma bela moldura ao horror. O senhor Giesecking tocava Debussy – ao que parece incomparavelmente – e ouviam-se os gritos dos que atravessavam as gares de Munique a caminho de Dachau. Ei-la, no meio do campo de Buchenwald, a célebre Buche: a árvore bem-amada de Goethe. Era um simbolismo deliberado por parte dos nazis. Os exemplos multiplicam-se e multiplicam-se...Steiner, George e Spire, Antoine (2004), *Barbárie da Ignorância*, Lisboa, Fim de Século, p 43

E assim, a arte, como a ciência, é um meio de assimilação do mundo, um instrumento para conhecê-lo ao longo da jornada do homem em direção ao que é chamado ‘verdade absoluta’. Tarkovski, Andrei (2002), *Esculpir o Tempo*, São Paulo, Martins Fontes, p.39

A arte e a cultura – não necessariamente da mesma maneira, nem com as mesmas possibilidades - servem para que, na vida de cada um de nós, o futuro esteja presente e o tédio ausente, a ludicidade aconteça e a barbárie se afaste. Ribeiro, António Pinto (2000). *Ser Feliz é Imoral? Ensaio sobre cultura cidades e distribuição*. Lisboa: Edições Cotovia pp.66

(...) do mundo contemporâneo fazem parte (...) as muitas formas de ruído e desconversa que desconhecem e agridem «o mais íntimo sentimento do eu» (e a que poetas e filósofos têm resistido, de Kierkegaard a Heidegger, de Paul Celan a Daniel

Faria) e ignoram o tempo lento que o discurso interiorizado exige, para lá dos gritos estridentes da palavra desamparada, talvez mesmo da «tagarelice constitutiva da linguagem», a que Jean-Luc Nancy opõe a «resistência da poesia».

Nenhum poder olhará assim para o estado do mundo, para o seu retrato vivo. Mas a «cultura», que também está no quadro (...) terá de fazê-lo, sob pena de estar a promover e a pôr em ato o esquecimento com estratégias de ilusão, em vez de estimular a memória, cultivar a denúncia, arriscar a provocação do mundo acomodado. Se o fizer, (...) a arte e a cultura poderão ser o lugar do grande tribunal, e o Juízo final faz-se todos os dias, aqui e agora.

(...) Porque precisamos de acreditar, com estes autores que entre nós pensaram poeticamente o estado do mundo, que nos resta ainda, «contra todas as evidências em contrário, a alegria» João Barrento, in Estado do Mundo, texto “O Jardim Devastado e o Perfil da Esperança”

Nestas páginas, a democracia é vista em termos de argumentação pública, o que conduz a um entendimento da democracia como regime de “governo pela discussão” (uma ideia cuja expansão muito ficou a dever a John Stuart Mill). Todavia, impõe-se também que se veja a democracia de uma maneira mais geral, como capacidade para reforçar a participação ou comprometimento discursivamente sustentados por meio de um alargamento das disponibilidades informacionais e da viabilidade de discussões interativas. Há que julgar a democracia não só tendo em vista as instituições formalmente existentes mas atendendo igualmente à medida em que se fazem efetivamente ouvir as vozes dos diferentes setores da população. Sen, Amartya (2010). A Ideia de Justiça. Coimbra: Almedina. Pp 15, 16

Parece razoável admitir que nem os parisienses teriam invadido a Bastilha, nem Ghandhi teria desafiado esse império em que o sol não se punha, nem Marthin Luther King teria combatido a supremacia branca nessa land of the free and the home of the brave, se não fosse a sua perceção da existência de injustiças evidentes que podiam ser vencidas. Não se tratava para eles de conseguir um mundo perfeitamente justo (ainda que, em qualquer dos casos, tenha chegado a haver um qualquer acordo sobre como deveria ser um tal mundo), mas, o que, isso sim, já queriam era remover as injustiças evidentes na medida do que lhes fosse possível.

(...) Uma perspectiva centrada nas realizações também permite compreender mais facilmente a importância de, neste mundo, nos aplicarmos a tentar impedir os casos de injustiça manifesta, ao invés de sairmos em busca do que é perfeitamente justo.

Sen, Amartya (2010). A Ideia de Justiça. Coimbra: Almedina. Pp 9, 10, 61

### **Poder escolher**

(...) a justiça não pode ser indiferente às vidas que as pessoas podem efectivamente viver. A importância das vidas dos homens, das experiências e realizações não podem ser suplantadas pela informação que nos chega sobre instituições existentes e regras que funcionam. As instituições e as regras são, com certeza, de grande importância pela influência que exercem sobre tudo o que acontece, e também elas são parte inseparável do mundo real, todavia essa que é a realidade vigente e realizada vai muito além do quadro puramente organizacional, e inclui em si as próprias vidas que as pessoas conseguem – ou não conseguem – viver.

(...) A liberdade de escolher a vida que queremos pode ser algo que contribui significativamente para o nosso bem estar; mais do que isso, e indo para além da perspectiva do bem estar, a própria liberdade, considerada em si mesma, também pode ser vista como algo já de si importante. Ser capaz de raciocinar e escolher é uma faceta significativa da vida humana. De facto, não acontece que estejamos sujeitos à obrigação de apenas procurarmos o nosso bem estar: cabe-nos a nós decidir quais são as coisas em relação às quais achamos ter boas razões para tentar alcançar. Não é preciso ser Gandhi, Martin Luther King, Nelson Mandela ou Desmond Tutu, para reconhecer que temos objectivos e prioridades para além da mera busca individualista do nosso bem estar próprio. (...) A liberdade de escolha dá-nos a oportunidade de decidirmos o que havemos de fazer, mas com essa oportunidade vem também a responsabilidade por tudo o que fazemos – isto, na medida em que as nossas acções forem, de facto, acções escolhidas.

(...) atar a responsabilidade de cada um à felicidade de cada qual.

Sen, Amartya (2010). A Ideia de Justiça. Coimbra: Almedina. Pp 57-59

(...) será de assumir que o cidadão com direito à arte não é apenas o que beneficia da qualidade de vida, mas todos os que vivem na cidade, para que os excluídos das nossas

idades não continuem a transformar-se nos bárbaros e nos escravos da democracia grega. (...) O que é a pedagogia artística?

(...) Assemelha-se à diferença que vai entre aquele que pôde aprender a ler e o que não pôde, sendo que, para o primeiro, ler o quê, quando, ou como, será sempre uma possibilidade (até a de não ler), enquanto para o segundo será sempre interdito.

Ribeiro, António Pinto (2000). Ser Feliz é Imoral? Ensaios sobre cultura cidades e distribuição. Lisboa: Edições Cotovia pp.81, 82, 83

### **Lugares de amizade...**

Nas nossas relações de amizade, é importante distinguirmos aqueles em que a relação de conhecimento está estabilizada e institucionalizada, e em relação aos quais não pretendemos abrir de novo o ‘dossier’ do conhecimento recíproco, e aqueles que nos precipitam numa vertigem de ir mais longe e que às vezes acabamos precisamente de conhecer (pode ser mesmo um desconhecido num balcão de um bar). Mas a questão só ganha intensidades se a gente for capaz de imaginar uma dimensão infinita do conhecimento: esse amigo que virá um dia (ou já veio e ainda o não vi?) e que, por mais que eu o conheça, ficará sempre além das minhas capacidades de o conhecer.

Mas importa sublinhar que a arte ou a literatura são acima de tudo lugares de amizade. (...) pela ideia muito simples de que alguns dos meus melhores amigos são gente como Diderot ou Stendahl, Musil ou Michaux, Wallace Stevens ou Philip Roth – amigos que não sabem quem eu sou e que eu defenderei sempre com aquela intransigência feroz que define a amizade sem cálculo nem interesses. Eduardo Prado Coelho

Quando os nossos irmãos estão mais nos «livros» ou nos «filmes» a situação é grave.

Bragança de Miranda, in Traços p30